

# ESCALA DE ENVOLVIMENTO

PATERNO:

## ESTUDO DE VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO

RITA SIMÕES, ISABEL LEAL  
& JOÃO MAROCO

C<sub>6</sub>

Rita Simões, Isabel Leal & João Maroco.

**ESCALA DE ENVOLVIMENTO PATERNO:  
ESTUDO DE VALIDAÇÃO DE UM  
INSTRUMENTO**

Titulo: *Escala de Envolvimento Paterno: Estudo de Validação de um Instrumento.*

1ª Edição. Dezembro 2010.

ISBN: 978-989-8463-12-8

Capa: Placebo Editora

Composição: Rafaela Matavelli

Lisboa: Placebo, Editora LDA.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>O INSTRUMENTO</b>	<b>4</b>
<b>AMOSTRA DE VALIDAÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>CARACTERÍSTICAS PSICOMETRICAS</b>	<b>7</b>
<b>Sensibilidade</b>	<b>7</b>
<b>Validade de Constructo</b>	<b>9</b>
<b>Fiabilidade</b>	<b>11</b>
<b>COTAÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>DISCUSSÃO</b>	<b>12</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>14</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>18</b>

## INTRODUÇÃO

Nos últimos 30 anos, observam-se importantes avanços empíricos e teóricos no estudo da paternidade (Bouchard, Lee, Asgary, & Pelletier, 2007; Fitzgerald, Mann, & Barratt, 1999; Lee & Doherty, 2007; Marks & Palkowitz, 2004; Palkowitz, 2007; Robb, 2004; Seward & Richter, 2008), correspondendo ao que Lamb (1987, 1992) designou como a “era do redescobrimto paterno”, caracterizada pelo interesse crescente acerca dos papéis desempenhados pelos pais na vida familiar.

As mudanças sócio-históricas ocorridas nas sociedades ocidentais, de que são exemplo a maior participação da mulher na vida profissional, a par de novos modelos de vida familiar, permitem-nos compreender a emergência de novos valores culturais e expectativas associadas ao papel do homem, e abrem caminho para a imagem de um “novo pai”, participante activo nos cuidados e educação dos filhos, onde a dimensão afectiva e reguladora do seu papel surge lado a lado com uma dimensão mais tradicional de suporte instrumental e financeiro no funcionamento familiar (Arendell, 1996; Cabrera, Tamis-Lemonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Lamb, 1987, 1992; Marks & Palkowitz, 2004; Matta & Knudson-Martin, 2006; Schoppe-Sullivan, McBride, & Ho, 2004).

Dando luz a estas mudanças ao nível das representações e das práticas parentais, observa-se que a paternidade se tem tornado um foco importante de preocupação e debate públicos nos últimos anos, sendo cada vez mais objecto de iniciativas políticas que procuram encorajar a participação paterna na vida familiar (Robb, 2004), como é exemplo mais recente no nosso país a aprovação da nova Lei da Parentalidade (Decreto-Lei nº 91/2009, de 9 de Abril), cujas alterações procuram criar condições para uma maior igualdade e partilha de responsabilidades entre pais e mães.

Promover a proximidade e a participação dos pais na vida dos filhos, bem como estimular a compreensão sobre a complementaridade dos papéis e funções de pais e mães no desenvolvimento infantil, têm sido objectivos comuns dos vários profissionais que trabalham com as famílias, nas áreas da saúde, da educação e da intervenção social.

No entanto, e apesar do interesse crescente nesta área, observa-se que os pais se encontram ainda bastante sub-representados no corpo empírico sobre a parentalidade, sendo o conhecimento acerca das vivências e facetas da paternidade ainda muito incipiente. Com efeito, observa-se que esta é uma área tradicionalmente dominada pelos estudos sobre a maternidade e a relação mãe-criança, (Ford, Nalbone, Wetchler, & Sutton, 2008; Matta & Knudson-Martin, 2006; Phares, Field, Kamboukos, & Lopez, 2005), sendo ainda

escassas as investigações que tomem como referencial isolado os próprios pais, nomeadamente a nível nacional, o que justifica a pertinência de desenvolver estudos que permitam reunir informação sólida e contextualizada sobre a experiência da paternidade, nomeadamente sobre os papéis paternos exercidos pela população portuguesa, acompanhando a tendência de investigação observada noutros países.

Um dos domínios-chave na investigação sobre a paternidade diz respeito ao *envolvimento paterno* nos cuidados diários à criança (Featherstone, 2004), considerado como um componente central dos papéis desempenhados pelos pais, registando-se um esforço crescente no sentido de construir modelos conceptuais que visem a identificação da sua natureza, dos seus determinantes e dos efeitos ou consequências no desenvolvimento infantil (Camus & Frascarolo, 2003; Featherstone, 2004; Marks & Palkowitz, 2004; Matta & Knudson-Martin, 2006; Palkowitz, 2007).

O conceito de envolvimento paterno tem sido definido quer em termos do tempo passado em interacção com a criança, quer em termos da qualidade dessa relação (Adamsons, O'Brien & Pasley, 2007), tendo surgido como objecto privilegiado de pesquisa sobretudo a partir dos anos 80, em virtude de uma série de preocupações sociais e académicas relacionadas com a “suficiência” dos cuidados paternos recebidos pelas crianças e com a contribuição real dos pais para a redução das sobrecargas associadas aos cuidados infantis desempenhados pelas mães em modelos familiares de dupla-carreira (Pleck & Masciadrelli, 2004).

Embora os estudos iniciais se tenham focado na quantidade de tempo passado pelo pai em interacção directa com a criança, é hoje cada vez mais defendida a necessidade de conceptualizações mais abrangentes e multidimensionais, na medida em que é reconhecido que a mera presença ou contacto do pai é insuficiente e que nem todo o envolvimento beneficia a criança de igual forma (Adamsons et al., 2007; Cabrera et al., 2000; NICHD, 2000; Schoppe-Sullivan et al., 2004). Um dos modelos multidimensionais mais utilizado pelos investigadores é o modelo proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987; ver também Lamb, 1987, 1992), que permite distinguir entre três componentes distintas do envolvimento paterno: *interacção directa* (tempo passado nas tarefas de cuidados ou em relação com a criança), *acessibilidade* (disponibilidade do pai em situações de menor interacção) e *responsabilidade* (pelo bem-estar e cuidados infantis) (Lamb, 1987, 1992).

Neste modelo, a componente de *interacção* representa o tipo mais restritivo de envolvimento (Lamb, 1987, 1992), embora seja o que mais tem sido avaliado pelo conjunto de estudos nesta área, reflectindo um pressuposto comum de que a influência parental ocorre directamente através do contacto face-a-face ou indirectamente através do impacto da interacção noutro

elemento familiar (Davis & Perkins, 1996; Parke, 2002). De forma similar, a componente da *acessibilidade* também tem sido avaliada, mas sobretudo através de investigações sobre a ausência paterna em situações de divórcio ou monoparentalidade, sendo um aspecto pouco explorado em estudos com famílias bi-parentais (Parke, 2002). A componente da *responsabilidade* aparece como objecto de estudo apenas em investigações mais recentes, sendo a que apresenta maiores dificuldades de definição e quantificação (Lamb, 1987, 1992; Parke, 2002). Com efeito, Lamb (1987, 1992) refere que muito do tempo envolvido em ser um pai responsável não é passado em interacção directa com a criança, ao mesmo tempo que a ansiedade, a preocupação e o planeamento que acompanham a responsabilidade parental ocorrem frequentemente quando o pai está envolvido noutras tarefas, o que torna difícil uma possível quantificação para efeitos de investigação. No entanto, esta é talvez a componente mais importante do envolvimento paterno (Lamb, 1987, 1992; Cabrera et al., 2000), na medida em que reflecte a extensão em que o pai participa e se assume como protagonista activo na organização dos cuidados e supervisão da criança, e não apenas como elemento presente e disponível para a interacção.

Este modelo tem sido influente na orientação da investigação sobre a paternidade, emergindo como uma das definições mais aceites de envolvimento paterno (Brown, McBride, Shin & Bost, 2007; Jacobs & Kelley, 2006). No entanto, mais recentemente, alguns investigadores têm proposto reformulações complementares com vista a uma maior abrangência do conceito ao leque alargado das actividades e papéis desempenhados pelos pais, bem como a uma avaliação mais aprofundada da contribuição paterna na dinâmica familiar, considerando os restantes elementos cuidadores. Por exemplo, a conceptualização de Palkovitz (2002, cit. por Cabrera, Fitzgerald, Bradley & Roggman, 2007) acrescenta ao modelo de Lamb três dimensões de análise interrelacionadas, entendendo o envolvimento paterno como uma resposta às necessidades de desenvolvimento *cognitivo*, *afectivo* e *comportamental* dos outros elementos da família, que devem ser compreendidas a partir de uma perspectiva dinâmica e desenvolvimental (Palkowitz, 2007). Por outro lado, Radin (1994) alerta para a necessidade de diferenciação entre *envolvimento absoluto*, que considera apenas o pai, sem referência a outro membro familiar (e.g., o número de horas que o pai passa sozinho com a criança) e *envolvimento relativo*, que resulta da comparação entre as duas figuras cuidadoras (e.g., percentagem de tempo que cada um despende no desempenho de uma função específica). De acordo com a autora, poderão surgir imagens muito diferentes acerca do envolvimento paterno em função da perspectiva tomada, o que vai no sentido dos estudos que mostram que, apesar do pai actual se envolver mais com as suas crianças (em termos absolutos), este envolvimento continua a ser bastante inferior em relação ao envolvimento das mães.

Por último, estudos recentes têm defendido uma re-conceptualização deste constructo como *envolvimento paterno positivo* (Cabrera et al., 2000), acompanhando a tendência das investigações em incorporar cada vez mais as características qualitativas das interações e cuidados paternos. Com efeito, embora seja importante avaliar a quantidade de tempo que pais e crianças passam juntos, é provavelmente muito mais importante perceber *o que fazem* com esse tempo, na medida em que não existe nenhuma evidência que associe a quantidade de envolvimento paterno a efeitos desejáveis em termos do desenvolvimento da criança (Brown et al., 2007; Cabrera et al., 2000; Phares, 1992).

Deste modo, importa então perceber quão envolvidos estão os pais nos cuidados e educação dos filhos, bem como quais as principais componentes desse envolvimento, o que justifica o desenvolvimento de metodologias de avaliação específicas para a compreensão dos comportamentos paternos. Nesse sentido, e procurando contribuir para o aumento do conhecimento da realidade portuguesa nesta área, foi construída uma Escala de Envolvimento Paterno no âmbito de uma investigação com uma amostra de pais portugueses de crianças em idade escolar (Simões, 2009), com base em escalas estrangeiras acerca da mesma temática e na literatura existente sobre a paternidade.

Para definição do conceito de envolvimento paterno, tomou-se como referência principal o modelo multidimensional proposto por Lamb, Pleck, Charnov, e Levine (1987; ver também Lamb, 1987, 1992), procurando simultaneamente integrar a conceptualização proposta por Radin (1994), de modo a realizar a exploração complementar do envolvimento relativo e, assim, obter uma avaliação mais aprofundada da contribuição paterna na dinâmica familiar.

## **O INSTRUMENTO**

A Escala de Envolvimento Paterno foi desenvolvida com base na literatura científica sobre a paternidade e na pesquisa de escalas estrangeiras (nomeadamente, a *Paternal Involvement in Child Care Index* de Radin, 1981), no âmbito de uma investigação realizada com pais portugueses de crianças do 1º ciclo (entre os 5 e os 9 anos de idade) (Simões, 2009).

Na definição das questões a constituírem a escala, procurou-se abranger diversas tarefas realizadas pelos pais, na área dos cuidados e da educação da criança, bem como explorar a presença e a disponibilidade dos pais no quotidiano familiar e nas rotinas da criança. Simultaneamente, e à semelhança do que foi realizado por Radin (1981), procurámos explorar a percepção

paterna de possíveis diferenças entre o pai e a mãe, em termos do envolvimento ou responsabilidade pela criança.

Assim, na sua versão inicial, o questionário é composto por 21 itens numa escala de tipo Likert, cujo objectivo é avaliar a percepção paterna da frequência com que ocorrem determinadas situações relacionadas com o dia-a-dia familiar e os cuidados e educação das crianças, bem como avaliar a percepção paterna de possíveis diferenças entre o envolvimento do pai e o envolvimento da mãe (ver Quadro 1).

## **Quadro 1**

### *Descrição dos itens da versão inicial da Escala de Envolvimento Paterno*

---

Com que frequência realiza as seguintes tarefas:

1. Alimentar a criança
2. Ter responsabilidade total pela criança
3. Castigar a criança
4. Estabelecer limites para o comportamento da criança
5. Ajudar a criança nos problemas pessoais
6. Dar banho e vestir a criança
7. Deitar a criança
8. Ajudar a criança a aprender

Com que frequência você está:

9. Fora de casa e longe da criança durante semanas e meses
10. Fora de casa durante dias seguidos
11. Fora de casa nos fins-de-semana
12. Fora de casa pelo menos 4 noites por semana
13. Fora de casa pelo menos 2 noites por semana
14. Ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana
15. Presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família
16. Em casa à hora do lanche durante a semana
17. Em casa ao final do dia quando a criança chega da escola
18. Em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família

Na sua família, quem é que geralmente toma as seguintes decisões:

19. Quando as crianças devem ser disciplinadas
  20. Quando as crianças são suficientemente crescidas para experimentar coisas novas
  21. Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança
  22. Qual a percentagem de tempo em que o seu filho/a está ao cuidado das seguintes pessoas: Você; O cônjuge; Outros familiares; Os professores/educadores
-

Os itens 1 a 21 pontuam-se numa escala de 5 pontos, em que valores mais altos são atribuídos a maiores níveis de envolvimento. As opções de resposta são operacionalizadas de diferentes formas, em função do tipo de questão colocada:

- Desde *Sempre* (5 pontos) a *Nunca* (1 ponto): itens 1 a 18;
- Desde *Sempre o pai* (5 pontos) a *Sempre a mãe* (1 ponto): itens 19 e 20;
- Desde *Muito envolvido* (5 pontos) a *Nada envolvido* (1 ponto): item 21.

A estes 21 itens iniciais junta-se uma última questão que é respondida em termos de percentagens, com vista a comparar a percepção de envolvimento relativamente a diferentes figuras cuidadoras (“Qual a percentagem de tempo que o seu filho está ao cuidado das seguintes pessoas: você; o cônjuge; outros familiares; os professores”). Tendo em conta que esta última questão apresenta um formato diferente das restantes, optou-se por excluí-la do estudo de validação da escala, justificando-se a pertinência da sua estruturação em termos de percentagem pelo facto de nos permitir obter uma medida do envolvimento paterno *relativo*, que possa depois ser ponderado em função da pontuação obtida nos restantes itens. Deste modo, apenas 21 itens foram objecto de estudo de validade factorial.

## **AMOSTRA DE VALIDAÇÃO**

A amostra, de conveniência, foi composta por 154 pais portugueses de crianças do 1º ciclo, com idades compreendidas entre os 28 e os 59 anos ( $M=40.18$ ;  $DP=5.33$ ) e residentes no distrito de Lisboa (75.3% dos quais no concelho de Cascais). Ao nível das habilitações académicas, a maioria dos participantes distribui-se pelo ensino superior (42.2%) e ensino secundário (35.1%), enquanto 15.6% possuem o ensino básico (dos quais 3.2% correspondem ao 2º ciclo e os restantes 12.3% ao 3º ciclo do ensino básico) e apenas 7.1% o ensino médio/bacharelato. Relativamente ao estado civil, observa-se que a grande maioria da amostra é composta por homens casados ou em regime de co-habitação (146 sujeitos, correspondendo a 94.8% da amostra), sendo os restantes 7 participantes divorciados (4.5%) e apenas 1 solteiro (0.6%). Sendo a existência de filhos o principal critério de inclusão, observa-se que a amostra apresenta uma média de 1.98 filhos ( $DP=0.82$ ), variando os participantes entre 1 e 5 filhos. Foi ainda analisado o núcleo familiar de cada sujeito, verificando-se que todos os homens casados possuem filhos da actual relação, com os quais residem. No grupo de divorciados ou solteiros, apenas 1 sujeito reside permanentemente com o filho (0.6%), enquanto os restantes partilham a guarda parental da criança com as mães (4 sujeitos, correspondendo a 2.6% da amostra de pais não-casados) ou não detêm a guarda parental, estando a criança ao cuidado permanente das mães (3 sujeitos, correspondendo a 1.9%). Uma análise comparativa dos sujeitos

em função do nível socioeconómico, com base na categorização de Simões (1994), permite-nos verificar que a maioria dos pais se enquadra num nível socioeconómico médio (82 pais, correspondendo a 53.2%), enquanto 48 pais possuem um nível socioeconómico elevado (31.2%) e 24 um nível baixo (15.6%).

## Quadro 2

### *Características sócio-demográficas da amostra para validação da Escala de Envolvimento Paterno*

<i>Características (N=154)</i>	<i>N</i>	<i>%</i>
<b>Estado Civil</b>		
Solteiro	1	0.6
Casado / União de Facto	146	94.8
Separado / Divorciado	7	4.5
<b>Habilitações Literárias</b>		
Ensino Básico	24	15.6
Ensino Secundário	54	35.1
Ensino Médio/Bacharelato	11	7.1
Ensino Superior	65	42.2
<b>Situação Profissional</b>		
Com actividade profissional	141	91.6
Desempregado	4	2.6
Reformado	1	0.6
Não responde	8	5.2
<b>Nível Socioeconómico</b>		
Baixo	24	15.6
Médio	82	53.2
Alto	48	31.2
<b>Número de filhos</b>		
1 Filho	41	26.6
2 Filhos	86	55.8
3 ou mais Filhos	27	17.5

## CARACTERÍSTICAS PSICOMÉTRICAS

### Sensibilidade

Na avaliação da sensibilidade dos itens, observaram-se valores de assimetria e curtose que revelam itens aproximadamente simétricos, à exceção dos itens 9, 12 e 21 (Tabela 2).

### Quadro 3

*Valores medianos (Me), assimetria (Sk) e curtose (Ku) com respectivos valores críticos (Sk/SE<sub>sk</sub> e Ku/SE<sub>ku</sub>) e valores mínimos e máximos dos 21 itens da Escala de Envolvimento Paterno na amostra de validação*

Item	Me	Min	Max	Sk	Sk/SE <sub>sk</sub>	Ku	Ku/SE <sub>ku</sub>
1	3	1	5	-0.85	-4.38	0.36	0.93
2	4	1	5	-0.79	-4.06	0.29	0.75
3	3	1	5	-0.05	-0.29	-0.44	-1.13
4	3	1	5	-0.37	-1.91	0.28	0.74
5	3.5	1	5	-1.06	-5.45	1.28	3.30
6	3	1	5	-0.27	-1.43	-0.68	-1.75
7	4	1	5	-0.87	-4.19	0.19	0.49
8	3	1	5	-0.72	-3.72	1.25	3.22
<b>9</b>	5	1	5	<b>-2.59</b>	-13.28	<b>7.49</b>	19.26
10	4	1	5	-0.91	-4.69	-0.04	-0.11
11	5	1	5	-1.22	-6.29	1.15	2.97
<b>12</b>	5	1	5	<b>-2.08</b>	-10.71	<b>3.80</b>	9.77
13	5	1	5	-1.35	-6.93	1.08	2.78
14	4	1	5	-0.58	-2.98	-0.80	-2.07
15	4	1	5	-0.36	-1.85	-1.18	-3.03
16	2	1	5	0.86	4.42	-0.13	-0.33
17	4	1	5	-0.30	-1.57	-1.20	-3.10
18	2	1	5	1.37	7.04	1.81	4.65
19	3	1	5	-0.16	-0.85	0.35	0.90
20	3	1	5	0.20	1.05	2.27	5.84
<b>21</b>	5	1	5	<b>-1.83</b>	-9.43	<b>6.29</b>	16.18

## Validade de Constructo

A validade de constructo, *sensu* Anastasi e Urbina (2000), foi avaliada nas suas dimensões de validade factorial, validade convergente e validade discriminante. Para avaliar a validade factorial, procedeu-se à análise da estrutura relacional dos 21 itens iniciais da escala através da análise factorial exploratória sobre a matriz das correlações, com extracção dos factores pelo método das componentes principais, seguida de uma rotação varimax. Foram retidos os factores que apresentavam valores próprios (*eigenvalue*) superiores a 1 e que explicavam uma percentagem considerável da variância total.

Para avaliar a validade da análise factorial exploratória utilizou-se o critério KMO com os critérios de classificação definidos em Maroco (2010a), tendo-se observado um valor de KMO=0.80. Os *scores* de cada sujeito em cada um dos factores retidos foram obtidos pelo método de Bartlett implementado no PASW Statistics (v.18). Estes *scores* foram depois utilizados nas análises inferenciais seguintes.

Foram inicialmente encontrados 6 factores, que explicavam 63.48% da variância total. Contudo, a estruturação da escala segundo este modelo factorial revelou baixos valores de fiabilidade em algumas dimensões, compostas por apenas dois itens com pesos factoriais no limite de saturação, razão pela qual se considerou mais adequado proceder a uma análise factorial retendo um modelo estrutural de quatro factores. Os quatro factores obtidos explicam 52.32% da variância total, tendo sido retidos os itens com um valor de saturação igual ou superior a 0.45. Os itens 2 e 20 foram excluídos por apresentarem pesos factoriais baixos em qualquer um dos factores.

A escala final é então composta por 19 itens, sendo a sua estrutura relacional melhor explicada por um modelo de quatro factores latentes. No quadro seguinte apresentam-se os pesos factoriais de cada item em cada um dos factores, os seus *eigenvalues* e a percentagem de variância explicada por cada factor. A negrito apresentam-se os itens com pesos factoriais superiores a 0.45 em valor absoluto.

### Quadro 4

*Pesos factoriais dos itens da Escala de Envolvimento Paterno, variância explicada, variância extraída média (VEM) e consistência interna das sub-escalas definidas pelos 4 factores extraídos por análise factorial exploratória com rotação varimax. Os pesos com valor absoluto superior a 0.45 são apresentados a negrito*

Itens	Factores Extraídos				Comunalidade
	I. Cuidados	II. Disponibilidade	III. Presença	IV. Disciplina	
1	<b>0.66</b>	0.11	0.18	0.09	0.50
5	<b>0.66</b>	0.12	0.06	0.18	0.49
6	<b>0.64</b>	-0.18	0.02	-0.00	0.43
7	<b>0.73</b>	0.07	0.07	-0.03	0.55
8	<b>0.61</b>	0.11	0.02	0.06	0.39
21	<b>0.60</b>	0.14	0.10	0.32	0.50
9	0.13	<b>0.65</b>	-0.01	0.20	0.49
10	-0.03	<b>0.79</b>	0.02	0.05	0.64
11	0.10	<b>0.63</b>	0.05	-0.04	0.41
12	0.08	<b>0.86</b>	0.07	0.15	0.78
13	-0.03	<b>0.89</b>	0.07	0.05	0.80
14	0.28	<b>0.61</b>	0.32	0.14	0.58
15	0.21	0.35	<b>0.49</b>	0.08	0.42
16	0.07	0.10	<b>0.67</b>	0.09	0.47
17	0.29	0.31	<b>0.53</b>	0.24	0.52
18	0.09	-0.07	<b>0.74</b>	0.03	0.57
3	0.01	0.04	0.33	<b>0.65</b>	0.53
4	0.26	0.04	0.15	<b>0.67</b>	0.55
19	0.02	0.15	-0.05	<b>0.79</b>	0.66
Valores Próprios	2.60	5.49	1.39	1.49	
Variância Explicada					
(%)	12.4	26.2	6.7	7.1	
VEM	0.43	0.57	0.38	0.51	
Alfa de Cronbach					
( $\alpha$ )	0.75	0.85	0.64	0.64	

A validade convergente dos 4 factores extraídos foi avaliada pelo método da variância extraída média (VEM) pelos 4 factores, de acordo com a proposta de Fornell e Larcker (1981) descrita em Maroco (2010b). Segundo estes autores, podemos assumir validade convergente se a VEM por cada factor for

superior a 0.5. Como se apresenta na Tabela 2, os factores I e III apresentam valores de VEM indicadores de fraca validade convergente.

Por último, a validade discriminante foi avaliada pela comparação das correlações quadradas entre os scores médios das quatro subescalas (ver Tabela 4) e as VEM de cada subescala.

## Quadro 5

*VEM e Quadrados das correlações ( $r^2$ ) entre as subescalas*

Subescalas	VEM	$r^2$
Cuidados	0.43	0.06 – 0.15
Disponibilidade	0.57	0.06 – 0.17
Presença	0.38	0.15 – 0.17
Disciplina	0.51	0.06 – 0.12

Como ilustra a Tabela 4, todas as subescalas apresentam VEM superior ao quadrado da correlação entre as subescalas, demonstrando a validade discriminante das mesmas.

## Fiabilidade

O índice de consistência interna global da escala estimado pelo alfa de Cronbach apresenta um valor de 0.85, considerado como indicador de uma boa consistência interna (Maroco & Garcia-Marques, 2006). Relativamente às quatro dimensões, observam-se valores considerados bons para as duas primeiras e valores mais baixos, embora aceitáveis, para as dimensões 3 e 4.

## COTAÇÃO

Os itens 1 a 19 apresentam pontuações entre 1 e 5, correspondendo valores mais elevados a maiores níveis de envolvimento paterno. Nos itens 9 a 14 a pontuação é invertida (e.g., “Com que frequência você está fora de casa no fim-de-semana”).

Relativamente às subescalas, os itens que as constituem são:

- Subescala *Cuidados*: Itens 1, 5, 6, 7, 8 e 21
- Subescala *Disponibilidade*: Itens 9, 10, 11, 12, 13 e 14
- Subescala *Presença*: Itens 15, 16, 17 e 18

- Subescala *Disciplina*: Itens 3, 4 e 19

Tal como referido anteriormente, o último item apresenta um formato de resposta com base em percentagens (de 0 a 100), destinando-se apenas a uma análise descritiva do envolvimento relativo, que possa ser ponderada com os resultados obtidos nos restantes itens.

A pontuação da escala total e suas subescalas é calculada através da média dos itens respectivos (valores entre 1 e 5), correspondendo valores médios mais elevados a maiores níveis de envolvimento. A Tabela 5 apresenta os valores médios registados na amostra de validação.

### Quadro 6

*Scores médios e valores decilicos para a escala total e respectivos factores extraídos*

	Total	I. Cuidados	II. Disponibilidade	III. Presença	IV. Disciplina
<i>M</i>	3.47	3.44	4.24	2.70	3.04
<i>SD</i>	0.49	0.57	0.76	0.85	0.54
Percentil 10	2.84	2.75	3.25	1.62	2.17
Percentil 20	3.10	3.00	3.83	2.00	2.67
Percentil 30	3.29	3.17	4.17	2.25	2.67
Percentil 40	3.42	3.33	4.33	2.50	3.00
Percentil 50	3.58	3.50	4.50	2.75	3.00
Percentil 60	3.63	3.67	4.67	3.00	3.33
Percentil 70	3.74	3.83	4.67	3.00	3.33
Percentil 80	3.89	4.00	4.83	3.50	3.67
Percentil 90	4.00	4.17	5.00	4.00	3.67

## DISCUSSÃO

Após realização da análise factorial e de fiabilidade, podemos considerar que a Escala de Envolvimento Paterno constitui um instrumento de validade e fiabilidade aceitáveis. O instrumento está adaptado para o estudo das percepções de envolvimento paterno em pais portugueses, com vista a contribuir para o aumento do conhecimento na área da paternidade.

Com vista a confirmar a estrutura averiguada no presente estudo, julgamos contudo útil a elaboração de nova exploração factorial em estudos futuros,

bem como a sua utilização em estudos comparativos que permitam aferir da sua capacidade discriminativa em diferentes amostras de pais.

A este nível, julgamos pertinente referir alguns dados provenientes da investigação que deu origem à presente escala (Simões, 2009; Simões, Leal, & Maroco, 2010). Tendo como principal objectivo explorar o grau de envolvimento paterno numa amostra de 145 pais de crianças em idade escolar e, simultaneamente, aferir da existência de diferenças nesse envolvimento em função de algumas variáveis sociodemográficas, os resultados alcançados mostraram que os pais da nossa amostra não apresentavam diferenças significativas no seu grau de envolvimento em função da sua idade, das suas habilitações literárias e do seu nível socioeconómico, apenas se tendo encontrado diferenças em função do número de filhos.

A discussão de possíveis explicações para estes resultados levou-nos a ponderar factores relacionados quer com a dimensão e heterogeneidade da amostra (nomeadamente a dimensão dos sub-grupos de pais resultantes das variáveis sociodemográficas em estudo), quer com o instrumento desenvolvido, razão pela qual julgamos pertinente a realização de estudos adicionais que permitam aferir a capacidade discriminativa dos itens que constituem a escala.

Não obstante, os resultados alcançados pela totalidade da amostra em cada uma das subescalas demonstraram a existência de diferenças em função das várias dimensões consideradas (*Cuidados, Disponibilidade, Presença e Disciplina*), confirmando o modelo multidimensional do envolvimento paterno. Este aspecto permite-nos avaliar a presente escala como um instrumento útil na compreensão da forma como os pais investem em diferentes dimensões de envolvimento e respectivas tarefas relacionadas com os cuidados e a educação dos filhos.

## REFERÊNCIAS

- Adamsons, K., O'Brien, M., & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering*, 5(2), 129-147.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed (obra original de 1997).
- Arendell, T. (1996). Co-parenting: Review of the literature. *National Center on Fathers and Families*. Consultado em 10 de Agosto de 2009 através de <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev/co-litrev.pdf>
- Bouchard, G., Lee, C. M., Asgary, V., & Pelletier, L. (2007). Fathers' motivation for involvement with their children: A self-determination theory perspective. *Fathering*, 5(1), 25-41.
- Brown, G. L., McBride, B. A., Shin, N., & Bost, K. K. (2007). Parenting predictors of father-child attachment security: Interactive effects of father involvement and fathering quality. *Fathering*, 5(3), 197-219.
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2007). Modeling the dynamics of paternal influences on children over the life course. *Applied Development Science*, 11(4), 185-189.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Camus, J., & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the special issue on fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 95-99.
- Davis, J. E., & Perkins, W. E. (1996). Fathers' care: A review of the literature. *National Center on Fathers and Families*. Consultado em 10 de Agosto de 2009 através de <http://www.ncoff.gse.upenn.edu/litrev/litrev.htm>

- Featherstone, B. (2004). Fathers matter: A research review. *Children & Society, 18*, 312-319.
- Fitzgerald, H. E., Mann, T., & Barratt, M. (1999). Fathers and infants. *Infant Mental Health Journal, 20* (3), 213-221.
- Ford, J. J., Nalbone, D. P., Wetchler, J. L., & Sutton, P. M. (2008). Fatherhood: How differentiation and identity status affect attachment to children. *The American Journal of Family Therapy, 36*, 284-299.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating SEM with unobserved variables and measurement error. *Journal of Marketing Research, 18*, 39-50.
- Jacobs, J. N., & Kelley, M. L. (2006). Predictors of paternal involvement in childcare in dual-earner families with young children. *Fathering, 4*(1), 23-47.
- Lamb, M. E. (1987). Introduction: The emergent american father. In, M. E. Lamb (Ed.), *The father's role: Cross-cultural perspectives* (pp.3-25). Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (1992). O papel do pai em mudança. *Análise Psicológica, 1* (X), 19-34.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In, J. B. Lancaster, J. Altmann, A. S. Rossi, & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the life span: Biosocial dimensions* (pp.111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lee, C.-Y. S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering, 5*(2), 75-96.
- Marks, L., & Palkovitz, R. (2004). American fatherhood types: The good, the bad and the uninterested. *Fathering, 2*(2), 113-129.

- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Maroco, J. (2010a). *Análise estatística com o PASW Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Maroco, J. (2010b). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Matta, D. S., & Knudson-Martin, C. (2006). Father responsivity: Couple processes and the coconstruction of fatherhood. *Family Process*, 45(1), 19-37.
- NICHD Early Child Care Research Network (2000). Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. *Journal of Family Psychology*, 14(2), 200-219
- Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father-child relationships. *Applied Development Science*, 11(4), 190-195.
- Parke, R. D. (2002). Fathers and families. In, M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Vol. 3. Being and becoming a parent* (2<sup>nd</sup> ed., pp.27-74). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Phares, V. (1992). Where's poppa? The relative lack of attention to the role of fathers in child and adolescent psychopathology. *American Psychologist*, 47 (5), 656-664.
- Phares, V., Fields, S., Kamboukos, D., & Lopez, E. (2005). Still looking for poppa. *American Psychologist*, 60(7), 735-736.
- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U.S. residential fathers: Levels, sources, and consequences. In, M. E. Lamb

- (Ed.), *The role of the father in child development* (4<sup>th</sup> ed., pp.222-271). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Radin, N. (1981). Childrearing fathers in intact families, I: Some antecedents and consequences. *Merrill-Palmer Quarterly*, 27, 398-514.
- Radin, N. (1994). Primary-caregiving fathers in intact families. In, A. E. Gottfried, & A. W. Gottfried (Eds.), *Redefining families: Implications for children's development* (pp.11- 54). New York: Plenum Press.
- Robb, M. (2004). Exploring fatherhood: Masculinity and intersubjectivity in the research process. *Journal of Social Work Practice*, 18(3), 395-406.
- Schoppe-Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ho, M.-H. R. (2004). Unidimensional versus multidimensional perspectives on father involvement. *Fathering*, 2(2), 147-163.
- Simões, R. M. (2009). *A paternidade no século XXI: O envolvimento paterno numa amostra de pais de crianças em idade escolar*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Envolvimento paterno de pais de crianças em idade escolar. In, I. Leal & J. Maroco. (Eds.), *Psicologia da saúde: Sexualidade, género e saúde* (pp.205-214). Lisboa: ISPA.
- Seward. R. R., & Richter, R. (2008). International research on fathering: An expanding horizon. *Fathering*, 6(2), 87-91.

## Anexo. Itens e estrutura final da Escala de Envolvimento Paterno

**Instruções:** Pretende-se perceber a frequência com que ocorrem determinadas situações relacionadas com o dia-a-dia familiar e os cuidados e educação das crianças. Por favor responda a cada questão indicando com uma cruz a resposta que melhor se adequa à sua experiência pessoal com o seu filho(a).

Com que frequência realiza as seguintes tarefas?

	<i>Sempre</i>	<i>Frequen- te- mente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Rarame- nte</i>	<i>Nunca</i>
1) Alimentar a criança					
2) Castigar a criança					
3) Estabelecer limites para o comportamento da criança					
4) Ajudar a criança nos problemas pessoais					
5) Dar banho e vestir a criança					
6) Deitar a criança					
7) Ajudar a criança a aprender					

Com que frequência você está:

	<i>Sempre</i>	<i>Frequen- te- mente</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Rarame- nte</i>	<i>Nunca</i>
8) Fora de casa e longe da criança durante semanas e meses					
9) Fora de casa durante dias seguidos					
10) Fora de casa nos fins-de-semana					
11) Fora de casa pelo menos 4 noites por semana					
12) Fora de casa pelo menos 2 noites por semana					

13) Ausente durante o jantar com a criança pelo menos 2 noites por semana					
14) Presente durante a semana nos pequenos-almoços com a criança e restante família					
15) Em casa à hora do lanche durante a semana					
16) Em casa ao final do dia quando a criança chega da escola					
17) Em casa o dia inteiro durante a semana, com a criança e restante família					

Na sua família, quem é que geralmente toma as seguintes decisões:

	<i>Sempre o pai</i>	<i>Mais o pai do que a mãe</i>	<i>Tanto o pai como a mãe</i>	<i>Mais a mãe do que o pai</i>	<i>Sempre a mãe</i>
18) Quando as crianças devem ser disciplinadas					

19) Como classifica o seu grau de envolvimento na prestação de cuidados à criança?

*Muito envolvido*      *Envolvido*      *Neutro*      *Pouco envolvido*      *Nada envolvido*  
                                                                                       

20) Qual a percentagem de tempo em que o seu filho/a está ao cuidado das seguintes pessoas?

Você: \_\_\_\_\_ %                      O Cônjuge: \_\_\_\_\_ %  
 Outros familiares: \_\_\_\_\_ %                      Os professores/educadores: \_\_\_\_\_